

BLOGS: A ESCRITA DE SI NA REDE DOS TEXTOS

Luciene Azevedo
(UFU)

RESUMO

Os *blogs* e as primeiras publicações de João Paulo Cuenca, Clarah Averbuck e Mara Coradello são suportes em que o comentário da experiência cotidiana do tempo presente e a crônica de si aparecem mesclados à ficcionalidade. O ensaio parte da premissa de que a entrada em cena de novos autores através do espaço virtual dos *blogs* coloca em xeque as noções de obra e autor pelo predomínio de uma escrita que autoficcionaliza a vivência do cotidiano do próprio autor.

PALAVRAS-CHAVE: *blog*, autoficção, autor

O que seriam, afinal, os tais novos caminhos para a literatura? Estamos falando de forma, de conteúdo, de elementos extra-literários?

Daniel Pellizzari, Wunderblogs.com.

Se a velha máxima de McLuhan de que o meio influencia a mensagem já pairava sobre a produção da tão falada geração 90 e seus ‘manuscritos de computador’, o que dizer de um texto que nasce e é apresentado pela primeira vez em um *blog*? Enquanto os escritores surgidos na década de 90 mostraram sua cara nas antologias que os agrupava sob o polêmico rótulo de geração, a geração 00 é associada à escrita blogueira, à produção dos autores que começam a publicar seus textos na *internet* através dos *blogs* ou *weblogs*.

Os *blogs* são páginas pessoais nas quais os autores podem expor desde experimentações literárias até os mais banais comentários sobre o seu cotidiano. À maneira de um diário íntimo, o *blog* é construído cronologicamente através da possibilidade diária de atualização e pode funcionar tanto como um espaço disciplinador para o exercício literário como um canal de “evasão de privacidade” (GIANNETTI, *blog*).

Há os que apostam na linguagem jornalística para comentar os

atos diários ou resenhar filmes, os que são uma verdadeira tribuna de opiniões sobre tudo, os que investem na auto-exposição da intimidade, os que funcionam como um mero suporte de autopublicação.

O *blog* pode funcionar como um rascunho do processo criativo do projeto de um livro, como um salão literário virtual em que lançamentos e encontros entre os autores são relatados, como uma espécie de cartografia dos bairros por onde circulam os blogueiros (quase sempre a zona sul: é só ver o retrato quase idílico de Copacabana nos *posts* de João Paulo Cuenca), tudo isso salpicado com comentários sobre fatos do cotidiano.

Goste-se ou não da expressão 'literatura de *blog*' parece inegável que as discussões que ela suscita estão relacionadas com as maneiras de se alcançar visibilidade e construir circuitos de consagração no interior do sistema literário. É comum à cena literária contemporânea a publicação de autores estreantes cujo primeiro livro é uma compilação dos melhores momentos do seu *blog*, minuciosamente garimpado por um editor que quer apostar na projeção de novos nomes.

Clarah Averbuck parece se encaixar como uma luva nesse perfil. Investindo na explosão dos *blogs*, apareceu na rede com uma espécie de diário virtual contando peripécias sentimentais e existenciais. Quem se aventurou alguma vez pelo *site*¹ tem a impressão, quando lê *Máquina de Pinball*, de que seu livro de estréia foi montado como um grande mosaico, a partir da justaposição de alguns parágrafos 'legais e aproveitáveis', passíveis de se encaixarem em uma (im)provável história costurada por alguns ganchos, quase sempre viagens entre o Rio, São Paulo, Porto Alegre e Londres.

O percurso da *internet* para o papel-livro pode ser assim direto ou insinuar nuances, diálogos, entre a página diária e o projeto de uma publicação. Esse parece ser o caso de João Paulo Cuenca, que rejeita a classificação 'autor de *blog*', fazendo um caminho inverso: tendo recebido a proposta para publicar seu primeiro livro pela Editora Planeta, resolve manter na rede um diário-rascunho-*making off* sobre a sua composição: "meu livro não é 'exemplo de *blog* que vira livro'. Meu *blog* é que é sobre o livro e seus processos - exatamente o inverso." (CUENCA, *blog*).

Os autores querem ser 'descobertos', publicados, querem consolidar um público leitor, apresentar seus textos para críticos e jornalistas culturais consagrados e muitas vezes essas questões aparecem im-

plícita ou escancaradamente nos textos dos próprios autores: “A *internet* não é uma causa, é apenas uma consequência: a rede, pelo menos para mim, foi a forma que encontrei para começar a divulgar o meu trabalho”. (TAKEDA, *blog*).

Encarnando uma multiprofissionalização, o jovem escritor se desdobra nos papéis de produtor-crítico-agitador cultural, tentando instituir um circuito literário de circulação e divulgação de suas próprias obras e de seus parceiros virtuais: “Chamem seus amiguinhos para antologias que entrarão em matérias e resenhas escritas por amiguinhos. O que eu tenho a dizer sobre isso? É assim mesmo.” (CORADELLO, *blog*).

Nesse sentido, os *blogs*, além de um espaço de experimentação, passam a ser uma primeira vitrine de exposição do texto que pretende ganhar as páginas impressas: “o próximo livro fala do exílio e começou a ser escrito neste *blog*. Suas frases circulam pelos parágrafos desta página cor de rosa.” (VIDAL, *blog*).

Os *blogs* se atiram aos seus eventuais leitores, dispensando mediações.

Embora alguns autores mostrem-se incomodados com a vinculação muito estreita de suas obras com a *internet* e dispensem a classificação do que escrevem como ‘literatura de *blog*’, é quase impossível fugir dessa questão: “Literatura vem da internet???? Cuspo, sim, no prato que comi...só um pouquinho...” (CORADELLO, *blog*).

Talvez valha a pena pensar no *blog* não apenas como mera ferramenta instrumental de autopublicação, mas como um suporte que condiciona as regras de produção que essa mesma literatura surgida na *internet* pressupõe para ser lida hoje. O que parece se insinuar nessa questão é a dualidade entre uma importância residual do meio de publicação dos textos e a influência dele nos processos de figuração de si e da própria concepção do literário.

1. “a intimidade era teatro” (Ana Cristina Cesar)

Se é de bom tom driblar ingenuidades, evitando relacionar mecanicamente a escrita fragmentária e confessional como crias da *internet*, também é possível realçar a flexibilidade de um espaço que aceita um texto apressado, quase-rascunho e, ao mesmo tempo, é um laboratório onde podem-se testar vários estilos, um espaço de experimentação livre em que todos os autores procuram fixar uma voz pró-

pria: “Confesso que, ultimamente, ando preocupado mesmo é em descobrir o novo “Cuenca”. Esse é o único projeto literário que eu tenho.” (CUENCA, *blog*).

Mais do que estabelecer critérios que pretendam judicativamente apontar a boa ou má qualidade da literatura contemporânea, talvez seja interessante apostar que a entrada em cena dos novos autores através do espaço virtual dos *blogs* coloca em xeque as noções de obra e de autor pelo predomínio de uma escrita que autoficcionaliza a vivência do cotidiano do próprio autor.

O *blog* é um espaço em que o comentário da experiência cotidiana do tempo presente e a crônica de si aparecem mesclados à ficcionalidade. Então, não é possível dissociar obra e vida. O resgate das lembranças da infância (Joca Terron e Mara Coradello), as experiências de viagem ou do exílio (Paloma Vidal), as mais descabeladas desilusões amorosas (Clarah Averbuck) mesclam o tom confessional a uma *performance* autoral que põe em xeque a noção de autor e as relações entre texto e vida.

Se um surto de ‘umbiguismo’ parece ter invadido a rede, talvez seja possível pensar essa auto-exposição de si em relação com o seu suporte. Afinal, os relacionamentos e as próprias identidades nunca foram tão questionados quanto o são desde o surgimento da *internet*. Essa desconfiança em relação ao eu que se mostra através de *bits* pode dar uma dica de que é possível desviar-se da ingenuidade de um sujeito transparente para pensar em uma escrita que cultiva ambigüidades, apostando em um efeito-sujeito.

A escrita de si nasce, então, colada a uma figuração de si que desarticula a identidade, pondo-a de férias, para lembrar uma expressão utilizada por Philippe Lejeune².

Se aceitamos essa possibilidade podemos pensar que o investimento do relato em uma invenção biográfica também pode perturbar os limites entre a ficção e a vida. O *blog* pode se transformar em uma ferramenta propícia para o exercício da autoficção.

O que a definição de autoficção parece colocar em jogo não é apenas a contaminação da memória pelo imaginário, presente em qualquer relato que se pretenda autobiográfico, mas a relação entre o próprio autor, seu *ego scriptor* e a possibilidade de recriar-se em outros. É o que as ‘histórias mal contadas’ de Silviano Santiago deixam entrever, principalmente aquelas em que a *persona* narrativa encarna como

um ventríloquo as vozes de Mário e Drummond, nos contos “Caíram as fichas” e “Conversei ontem à tardinha com o nosso querido Carlos”.

A ficção blogueira, mesmo não se arriscando a performar tão ilustres companheiros, investe em driblar a apresentação de si através da criação de personagens, alter-egos. É o caso de Mora Mey e seu caderno branco (o *blog* de Mara Coradello é uma alusão ao livro de Hilda Hilst, *O Caderno Rosa de Lori Lamby*), do Bucha, personagem *voyeur* dos *post*-crônicas de João Paulo Cuenca e da própria Camila, *ego-pinball* de Clarah Averbuck.

Esse ‘cuidado de si’, para falar foucaultianamente, pode significar não apenas um esparramado confessionalismo de banalidades subjetivas, mas um cuidado em fingir-se de si, para colocar em cena “um sujeito que [pode] não coincid[ir] nunca com ele mesmo” (ROBIN, 1997, p. 121).

É claro que fazer de si mesmo objeto de ficção não tem nada de surpreendentemente inovador. No entanto, o que parece estar em questão para a ficção que mostra a sua cara nos *blogs* é a possibilidade de jogar com essa consciência como um efeito calculado, embaralhando vida e ficção, refinando a apresentação de si através da teatralização. Entender a exposição da intimidade como um espetáculo de ‘umbiguismo’ ou como *performance* na qual “o nome individual desaparece em proveito do tipo” (LEJEUNE, 2000, p. 211) é uma decisão de leitura. Enquanto um pacto autobiográfico entre autor e leitor só é firmado, conforme assinala Lejeune, considerando-se o esforço do autor por um discurso verídico, um pacto autoficcional pressupõe sempre a ambigüidade da referência, a sutileza da imbricação entre vida e obra, um leitor sempre em falso, driblado pela desestabilização de uma escrita de si em outros, pois o leitor “não pode confiar nem em quem narra, nem em quem escreve” (CASTELLO, 2005).

Talvez seja possível arriscar mais uma hipótese. A autoficção coloca em xeque as noções de autor e obra.

A exacerbação do que pode parecer mero confessionalismo pode assumir a polifonia de inúmeras posições de sujeito encenadas por uma interioridade selvagem que desdobra-se em personagens, papéis: “Eu: M e M., quem vai calçar as botas e sair é a personagem. Eu fico (termino hoje o texto pra vocês).” (GIANNETTI, *blog*).

Assim, ao invés do lugar seguro reservado à autoridade do autor como “princípio de agrupamento de discurso, como unidade e origem

de suas significações, como lugar de sua coerência” (FOUCAULT, 1971, p, 28), a escrita de si blogueira arma um jogo entre a identidade autor-al, seu *ego scriptor* e a *performance* figurada de subjetividades: “Pode ser piegas e repetir fórmulas desde que seja tudo inventado por você” (CORADELLO, *blog*).

Nesse sentido, trata-se de investigar se é possível encarar o *blog* como um novo “dispositivo de textualização de si” (ALLARD, 2003, p. 216) capaz de tomar a escrita de si por objeto literário, caracterizando-a ficcionalmente, através da postura performática que desestabiliza a função-autor: “daqui por diante, a pesquisa do eu é inseparável da invenção de si” (ALLARD, 2003, p. 214).

O exercício literário de composição de uma voz autoral é atravessado pela fabricação de *personas* que desestabilizam a noção do autor como o princípio de uma certa unidade de escritura: “Autômatas só a vontade de ter uma voz, ela pode ser polifônica” (CORADELLO, *blog*).

A confusão entre a instância autoral, seu *ego scriptor* e as figurações de si que pululam no texto pode estar ruindo a noção tradicional do autor. Não se trata, como o próprio Foucault já alertava, de reinventar a morte do sujeito e negar a existência da figura real, de carne e osso, que assina as obras, mas de pensar o autor como uma função. Talvez o exercício da ficcionalização de si levado a cabo nos *blogs* dos novos nomes da cena literária contemporânea esteja acomodando a função-autor em uma nova posição. O autor não é mais o detentor do segredo do desenho do tapete de sua própria obra e a essência ambígua da autoficção borra a transparência de uma articulação fácil entre vida pessoal e ficção, experiências vividas e inventadas.

Talvez o desdém pela literatura que surge nos *blogs*, e que faz com que, apressadamente, muitos esconjurem tudo como farinha do mesmo saco da espetacularização fácil de subjetividades adolescentes, tenha origem no fato de que a imagem tradicional do autor está ela mesma sendo provocada a sair de seu posto de confiabilidade, confundindo-se com um lugar de ficção.

Esse deslizamento da função-autor na literatura contemporânea deixaria em aberto uma “pluralidade de posições e funções possíveis” (FOUCAULT, 1971, p. 60) capaz de ser testada pela escrita blogueira. Afinal, as maneiras pelas quais o texto aponta para a figura do autor já nascem marcadas pelo arranjo indecível entre vida e ficção, experiência real, do autor, e a composição distanciada de papéis, persona-

gens-tipo. Ainda que essa sofisticada operação de ambigüidade implícita não esteja em todos, e nem poderia ser de outra forma.

A instância autoral como princípio de controle da produção do discurso, para seguir à risca o vocabulário de Foucault, pode estar se flexibilizando e na sua nova função abre espaço generoso para a decisão de leitura do leitor: “qual é o limite entre a realidade e a ficção nesse escrito íntimo virtual?” (SCHITTINE, 2004, p. 62).

2. A escrita ordinária dos *blogs*

Mera compilação dos melhores momentos, a aposta na ambivalência de referências que, enviesadamente, apontam para a autobiografia, investindo na ambigüidade entre o que é verdadeiro e o que é falso, elaboração mais cuidadosa de um rascunho experimental? Muito mais do que creditar aos *blogs* uma escrita apressada e menos rigorosa em relação às inúmeras reescrituras para o texto em livro, interessa-nos investigar como os *blogs* constituem-se como espaço de fundação de uma obra e se a partir desse novo lugar é possível perceber uma alteração dessa noção.

Reconhecido, desde o romantismo, como lugar de autoridade de onde emana a originalidade sobre sua criação, o autor liga-se à sua obra estabelecendo com ela uma unidade indissociável. Mas, se o autor passa a brincar com a sua unidade fictícia através da exploração virtual dos limites entre o que é verdadeiro e o que é inventado, como pressupor cegamente que vale o escrito? Parece insustentável manter as noções de autor e obra como “generalizações, unidades descritivas e classificatórias” (HANSEN, 1992, p. 34) que apontam um na direção da outra.

Em “O que é o autor?”, Foucault chama a atenção para as implicações que a noção de obra tem para a compreensão da função de autor. Se tudo que foi dito e escrito por um autor é atribuído a sua obra, Foucault afirma que é perfeitamente possível que detalhes banais ligados ao cotidiano de um autor, encontrados em seus livros (o que a crítica considera a parte séria de uma obra), façam parte da obra desse autor: “anotações sobre um encontro ou um endereço, uma nota de lavanderia: obra ou não? Mas por que não?” (FOUCAULT, 1994, p. 794).

Os *posts* diários em uma página pessoal no cyberespaço podem integrar o *corpus* de uma obra? Ainda é cedo para perguntas tão incisivas. E é preciso que não se esqueça que, se o autor é uma unidade

fictícia, a obra não pode ser mais que o “resultado da ficção da unidade” (HANSEN, 1992, p. 34).

Assim como os diários e as cartas, que durante tanto tempo foram considerados pela historiografia literária escritos à margem da obra maior de seus autores, os *blogs* podem ser encarados como ‘escritas ordinárias’. A classificação pode aludir não apenas ao caráter pouco valorizado da produção, mas também a uma marca muito comum aos relatos que surgem nos *blogs*: o exercício cotidiano do registro de impressões banais, o comentário leve sobre coisas sem muita importância. Assim, além da crônica-escrita de si, o *blog* é também escrita do tempo, uma espécie de crônica literária do presente e da própria subjetividade autoral.

Aproximar as características do *blog* às da crônica não parece fortuito. As semelhanças com o gênero menor da crônica são muitas. A crônica como escrito não-canônico, escrita ordinária, é o lugar da subjetividade, em que narrador e autor ficam apenas à meia distância um do outro.

Tais como as crônicas, os *blogs* nascem sob o signo da efemeridade: “A *web* pode ser mais eficiente que um time reforçado de traças: *sites* inteiros desaparecem da noite pro dia” (GIANNETTI, 2005).

No entanto, sem nenhum cabotinismo, ninguém está na rede para desaparecer: “Quero falar do meu tempo de uma maneira que o que escrevo ainda seja interessante quando esse tempo tiver passado” (GIANNETTI, *blog*).

Os escritores pensam em ficar e os *blogs* funcionam como vitrines de romances em construção: “Algumas literaturices feitas nos desvãos do livro que escrevo-esqueço: [peço desculpas sim, qual é?]” (CORADELLO, *blog*).

Assim como a escrita ‘simples rés-do-chão’ da crônica (CANDIDO, 1992, p.13), os *posts* diários dos blogueiros estão atentos para o mais banal cotidiano, exercitam uma dicção loquaz e coloquial, embalada por um ritmo quase de conversação. Há algum tempo atrás, Paulo Roberto Pires (2004) chamou a atenção para o fato de que, apesar do surgimento de novos autores, novas editoras e publicações abundantes, faltavam leitores que fechassem o circuito capaz de caracterizar um novo *boom* literário e arriscava uma explicação: nossos autores não se arriscavam a uma literatura de entretenimento, caracterizada por ele como uma literatura preocupada em aliciar leitores, sem que

necessariamente essa definição significasse vender a alma ao mercado ou acariciar sempre o leitor com a repetição confortável do mesmo.

Lançando-se diretamente aos leitores na rede, os autores podem estar manifestando uma disposição de dialogar e cultivar um público. Não apenas pelas facilidades proporcionadas pelo suporte (já que é possível o comentário dos leitores sobre o que foi colocado na rede), mas também por uma escrita conversada, que se desdobra em escuta: “Pensar em diálogo e com quem? Quem é a segunda pessoa sem a qual as palavras não encontram seu destino? O diário é uma representação dessa experiência estranha de não saber pensar sem falar” (VIDAL, *blog*).

Analisando os cadernos e rascunhos de Ana Cristina Cesar, Flora Süssekind define sua escrita poética como um exercício de conversação. A escrita ordinária de suas folhas soltas guardadas em pastas revelaria um método de construção de sua obra. A encenação explícita de conversa seria o antídoto adequado para driblar a intimidade em super-exposição. Fragmentando-se em vozes e desdobrando sua escrita em conversa, Ana C. transformaria a intimidade em teatro.

O estilo conversado dos *blogs*, que sugere a interlocução e exige a intersubjetividade, pode ser o resultado da aposta na autoficção, no exercício de figuração de si e, ao mesmo tempo, na possibilidade de reinventar a comunicabilidade da experiência: “histórias obsoletas, desencanto renovado como verdadeira esperança” (CORADELLO, *blog*).

O parceiro da conversa pode ser tanto o leitor anônimo que se aventura a uma visita ao *blog*, quanto um outro autor da imensa rede de afinidades eletivas formada através de *links*. Essa sociabilidade linkada é o mote para muitos dos relatos que aparecem nos *blogs*. Festas em comum, encontros em bares, participações em eventos, tudo aparece comentado (e conversado), fazendo dos *blogs* pequenos salões literários virtuais: “Há uma geografia reinventada, o fantástico está nas relações entre pessoas, xícaras de café, telefonemas, *e-mails*, persuasão e desencontro” (CORADELLO, *blog*).

Em meio a dicas de músicas, crítica de filmes, comentários sobre as últimas leituras, são constantes as referências à composição de seus enredos ficcionais e à auto-representação enquanto escritores. Desde a postura quase romântica do escritor trancafiado em casa, solitário e angustiado diante do teclado (comum nas crônicas de J. P. Cuenca) até a urgência vitalista do ‘tudo tem que ser dito ao mesmo tempo, aqui, agora’: “Olha, aqui estamos, imperfeitos, despreparados e se não pu-

dermos reescrever tudo isso: que seja! É melhor que não dizer” (GIANNETTI, 2005).

O impasse parece se colocar mesmo no difícil equilíbrio entre a permanência e o provisório, a intimidade em exposição e a *performance* de si, o desdém por ser uma nova Clarice ou um novo Rosa³ e a vontade de construir uma voz própria.

Pode ser que, daqui a algum tempo, os próprios autores peçam que esqueçam o que escreveram na rede ou que riskem tudo sem esperar nenhuma ordem. Pode ser que muitos não tenham vindo para ficar (o efêmero também tem o direito de reivindicar o seu valor) e que não valha a pena apostar *nessa* literatura, mas o desafio está lançado: “quem vai sobreviver desse monturo?/ perguntar é quase uma grossura.”, diria Bukowski.

ABSTRACT

Blogs and the first publications of João Paulo Cuenca, Clarah Averbuck and Mara Coradello are supports where the commentary of the daily experience of the present time and the chronicle of itself appear mixed on the fiction. The essay analyses the possibility of changes in the workmanship slight knowledge and author through the writing of new authors in its blogs.

KEY WORDS: blog, fiction, author

REFERÊNCIAS

ALLARD, Laurence e VANDENBERGHE, F. Expressyourself. Les Pages Perso. Entre légitimation technopolitique de l'individualism expressif et authenticité réflexive peer to peer. *Reseaux*, v. 21, n. 117, 2003.

CANDIDO, Antonio et al.. *Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CASTELLO, José. Vozes distintas – a literatura sem enquadramentos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 abr. 2005.

FOUCAULT, Michel. *L'ordre du discours*. Paris: Gallimard, 1971.

_____. Qu'est-ce qu'un auteur? In: _____. *Dits et écrits* (1954-1988). Ed. établie sous la direction Daniel Defert et François Enald. Tomo I, NRF. Paris: Gallimard, 1994.

GIANNETTI, Cecília. Sufocados, com a corda no pescoço. *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 abr. 2005.

HANSEN, João Adolfo. Autor. In: JOBIM, José Luís (org.). *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

LEJEUNE, Philippe. «Cher écran...» : *journal personnel, ordinateur, internet*. Paris: Seuil, 2000.

PIRES, Paulo Roberto. Cadê o leitor? 7 dez. 2004. Disponível em: <www.nominimo.com.br>.

ROBIN, Régine. *Le Golem de l'écriture*. De l'autofiction au cybersoi. Montreal: XYZ Editeur, 1997.

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SÜSSEKIND, Flora. *Até segunda ordem não me risque nada: os cadernos, ras-cunhos e a poesia-em-vozes de Ana Cristina Cesar*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995.

WUNDERBLOGS.COM (vários autores). São Paulo: Barracuda, 2004.

AUTORES E BLOGS:

ANDRÉ TAKEDA: www.spectorama.com/blog.asp

CECÍLIA GIANNETTI: www.escrevescreve.blogspot.com.br

CLARAH AVERBUCK: www.brazileirapreta.blogspot.com.

JOÃO PAULO CUENCA: www.carmencarmen.blogspot.com.br

PALOMA VIDAL: www.quemtemasas.blogspot.com.br

MARA CORADELLO: www.cadernobranco.blogspot.com.br

NOTAS

¹<www.brazileirapreta.blogspot.com>. O *blog* está quase desativado. As “aparições” tornaram-se muito esporádicas. A própria autora se justifica: “Agora eu vou escrever livros. Chega de *blog*, chega de escrever de graça, chega de gastar as minhas histórias.”. No entanto, a autora inaugurou novo *blog* na rede: <<http://adioslounge.blogspot.com>>.

² “Identités des vacances, se dechargé un peu du poids de sa vie, se donne une nouvelle chance”. (LEJEUNE, 2000, p. 200).

³ No evento Encontros de interrogação, promovido pelo Itaú Cultural em 2004, os autores foram perguntados sobre onde andariam os novos Guimarães Rosa e Clarice Lispector da atual leva de literatura contemporânea. A resposta é unânime: todos afirmaram, ironicamente, que não os tinham guardado nos próprios bolsos.